

24-04-2025

# O avanço do intolerável

John Carlos Alves Ribeiro

[Professor. Instituto Federal de Goiás. Membro do Dona Alzira]

A exploração do trabalho adocece. Disso não há como correr. Alguns encurtam suas vidas em razão de cânceres adquiridos por trabalhar em contato direto com venenos (agrotóxicos, amianto, benzeno ou radiação). Outros, por trabalharem por horas, com má alimentação e pouco descanso, desenvolvem hipertensão, diabetes, cardiopatias. Há os que por só trabalhar à exaustão, para sobreviver, morrem mais rápido a cada dia. E ainda os que adoecem gravemente por problemas osteomusculares, auditivos, respiratórios etc., apesar de não morrerem por esses adoecimentos. Dessa dura realidade, o esfacelamento da saúde mental e a degradação da vida do trabalhador se avolumam e muita gente começa a morrer em vida. Aqui temos exemplos de professores que lidam de diferentes formas com sua profissão e são afetados de diferentes maneiras. Nos três casos temos trabalhadores sob risco ou já imersos no adoecimento mental: - *De repente, não queria mais ir trabalhar. Sentia um aperto no peito. Uma angústia. Uma sensação que nem sei explicar. - Eu não parei de ir, no começo, mas ia e não ia. Trabalhava, mas não como antes. Minhas aulas me pareciam horríveis. E isso me entristecia ainda mais. - Já eu hoje não tenho problemas com isso. Dou todas as minhas aulas, passo os trabalhos, provas, corrijo tudo. Adorei as plataformas. Menos papéis. Fluidez na parte burocrática. Vivo para o meu trabalho. Mas às vezes, perco o controle e tudo desmorona. Parece que fico totalmente sem forças para me recolocar nos trilhos.* Para seguir esse papo, tomemos emprestado dados divulgados na reportagem de Casemiro e Moura (G1, 12/03/2025). O número de afastamentos por adoecimentos mentais no país subiu de 221.721 para 472.328 nos últimos 10 anos. Somente em 2024, 68% de aumento, o maior na série histórica e bem acima dos demais afastamentos (39%). Especialistas apontam como causas as “mudanças no mercado de trabalho” e “as cicatrizes da pandemia”. Examinemos tais explicações. Falar genericamente de mudanças no mercado de trabalho implica ignorar a intensificação da exploração do trabalhador via acomodações da crise estrutural do capital/reestruturação produtiva do capital. A transição, da fase áurea do Estado de Bem-Estar Social para a fase capitalista neoliberal, impõe nova e dura realidade à classe que vive do trabalho. Aparentemente, isso não inquietou os especialistas. As exigências hoje são outras. Não basta mais aprender uma função/profissão. É necessário aperfeiçoar-se sempre; estar disposto a mudar de função, ramo de atuação ou lugar-região, para se manter empregado. Além do progressivo achatamento de salários (desvalorização da força de trabalho) e desaparecimento de postos de trabalho (desemprego estrutural) pelo avanço da tecnologia. A intensificação do trabalho se dá pelas vias de: aumento do tempo de efetivo trabalho; mudanças legislativas para aumento da jornada; mudanças na gestão com maior cobrança das chefias; ampliação do

tempo total de exploração do trabalho/vida, com mudanças na legislação previdenciária. E tudo vai contra o trabalhador. Outras mudanças na vida em sociedade se somam. Com a fragmentação imposta pela lógica algorítmica, sofremos o excesso de positividade que essa vida nos impõe, como destaca Byung Chul-Han (*A Sociedade do Cansaço*, 2019). Isso compõe o processo de forjamento do novo sujeito neoliberal, competitivo, performático, resiliente e, sobretudo, “livre”, tão difundido pelos *coaches* e *influencers*. Ideias que nos chegam também por outras obras marcantes sobre o funcionamento da sociabilidade aos moldes neoliberais: *A nova razão neoliberal* (Dardot e Laval, 2016) delinea o forjamento do sujeito neoliberal adaptado à atualidade capitalista. E Vladimir Safatle (2020), em *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*, aponta o neoliberalismo como mecanismo de engenharia social condicionante de um novo sujeito e nova sociabilidade. Esse contexto dialoga com os afastamentos por adoecimento mental, pois há muito mais por trás desses números. Em Goiás (2024) foram 11.119 afastamentos, sendo ansiedade (2953 casos) e depressão (2750) os transtornos mais prevalentes. No Brasil são 141.414 casos de ansiedade e 113.604 de depressão. *Burnout* só tem baixa prevalência por ser de difícil diagnóstico, segundo Poliana Casemiro (repórter de saúde do G1) no podcast *O Assunto*, de Natuza Nery. E é apenas a ponta do iceberg, pois há muita subnotificação. Muitos casos são negados no INSS e muitos saem de licença por curto período de tempo, não compondo o número de afastamentos. Nota-se o destaque a crise de saúde mental em razão do trabalho. Demarca-se a explosão de casos, mas marcam-se também os prejuízos financeiros. Argumentam que o impacto econômico pode chegar a cerca de R\$ 3 bilhões em 2024, visto que as pessoas ficam por volta de três meses afastados, recebendo cerca de R\$ 1,9 mil por mês. Cita-se ainda a atualização da NR 1 (Norma Regulamentadora Número 1, do Ministério do Trabalho e Emprego), que trata da responsabilização das empresas e de fiscalização. No entanto, ataca-se pouco as mudanças estruturais, ou seja, as mudanças de funcionamento da sociedade e na vida dos trabalhadores. Não se pode negligenciar o impacto da Pandemia de Covid-19 e das questões econômicas decorrentes dela. Mas se faz necessário jogar luz ao que pode ser também um rescaldo, uma reacomodação de transformações que já vinham ocorrendo e que a pandemia aprofundou. Temos o exemplo do *home office*, enxugamento de equipes, intensificação dos ritmos do trabalho (vide reforma trabalhista), necessidade de aumento de jornada de trabalho pelo próprio trabalhador, para amenizar o endividamento. Enfim, há muito o que estudar para dar conta dessa crise. Renata Paparelli, psicóloga especialista em saúde do trabalhador, no *podcast* citado, questiona: quem dá a medida do tolerável? Das múltiplas determinações do adoecimento, ressalta, o trabalho é um dos que mais tem sofrido transformações. Defende que a intensificação/flexibilização converte o trabalho em superexploração, reverberando em outros âmbitos da vida e contribuindo para o aumento dos adoecimentos mentais. Todo cuidado é pouco. É preciso lutar por um limite e não ceder ao avanço do intolerável.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, a perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideais em prol da saúde dos trabalhadores.